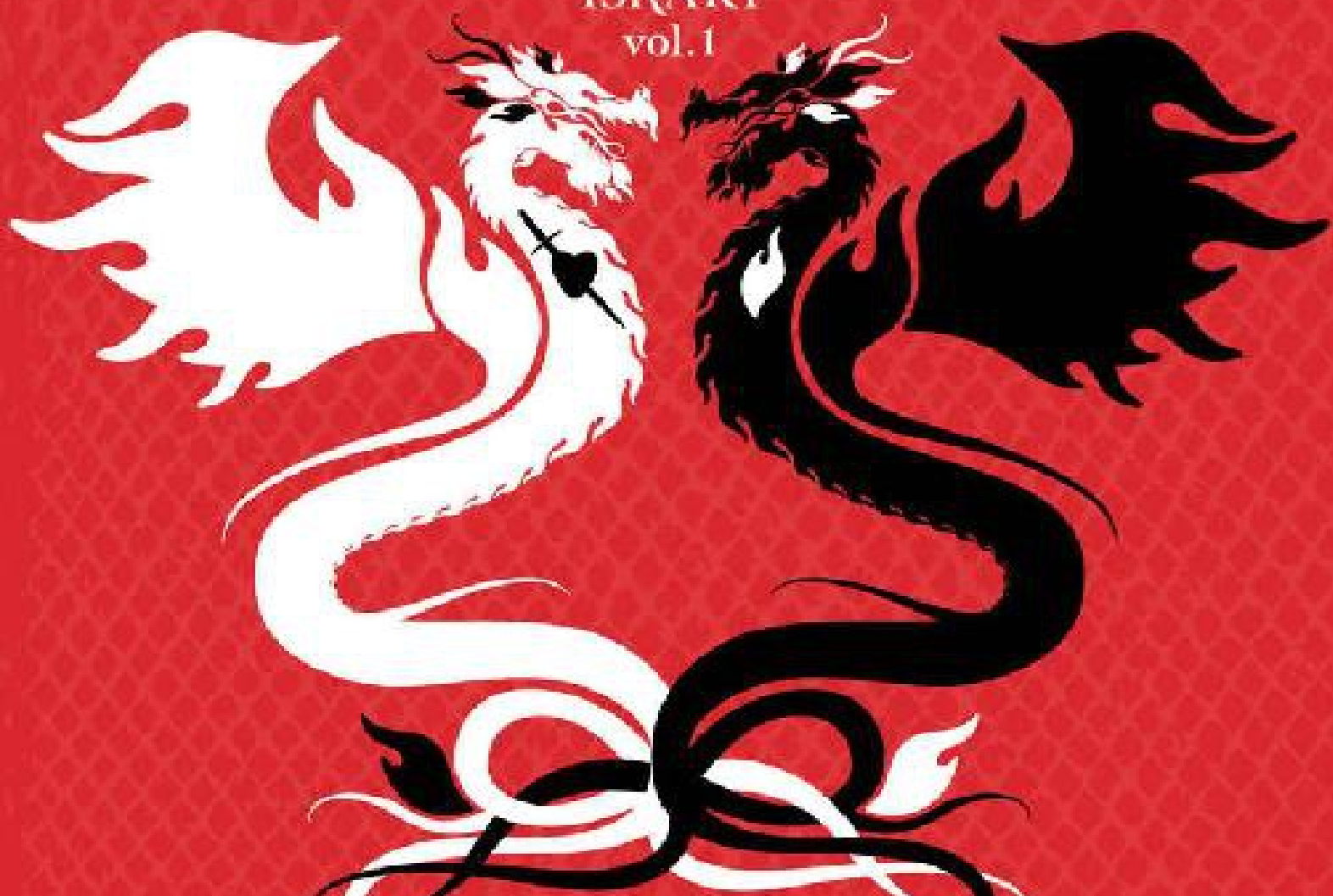


ISKARI  
vol.1



Kristen Ciccarelli

A CAÇADORA

DE

Dragões

SEGUINTE

SÉRIE ISKARI

vol. 1: *A caçadora de dragões*

Kristen Ciccarelli

# A CAÇADORA DE Dragões

ISKARI  
vol. 1

Tradução  
ERIC NOVELLO

**SÉQUINTE**

O site jovem da Companhia das Letras

*Para Joe,  
companheiro amado e campeão de todos os meus sonhos*

# Sumário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três  
Trinta e quatro  
Trinta e cinco  
Trinta e seis  
Trinta e sete  
Trinta e oito  
Trinta e nove  
Quarenta  
Quarenta e um  
Quarenta e dois  
Quarenta e três  
Quarenta e quatro  
Quarenta e cinco  
Quarenta e seis  
Quarenta e sete  
Quarenta e oito  
Quarenta e nove  
Cinquenta  
Cinquenta e um

# Um



ASHA ATRAIU O DRAGÃO COM UMA HISTÓRIA.

Era uma história antiga, mais antiga do que as montanhas às suas costas. Asha precisou extraí-la de seu interior, onde estava guardada, adormecida.

Ela odiava fazer aquilo. Contar tais histórias era proibido, perigoso e até mesmo mortal. Mas, depois de perseguir o dragão através das pradarias rochosas por dez dias, seus caçadores estavam sem comida. Asha precisava escolher entre voltar para a cidade sem um dragão ou violar a lei de seu pai que tornava os antigos contos proibidos.

Asha nunca tinha voltado sem matar um dragão, e não pretendia começar agora. Afinal, ela era a iskari, e tinha metas para atingir.

Então contou a história.

Em segredo.

Enquanto seus caçadores achavam que ela estava afiando seu machado.

O dragão veio, deslizando pelo limo vermelho e dourado como a criatura traiçoeira que era. A areia caía em cascata por seu corpo e brilhava como água, revelando escamas de um cinza sem graça da mesma cor da montanha.

Três vezes maior que um cavalo, ele se agigantou sobre Asha, fixando o olhar fendido na garota que o atraía até ali, chicoteando seu rabo bifurcado.

Asha assoviou para os caçadores se protegerem com seus escudos, depois acenou para os arqueiros. O dragão havia passado a noite enterrado na areia fria do deserto. O sol tinha acabado de nascer, de modo que sua temperatura corporal não estava alta o bastante para que conseguisse voar.

Ele estava preso ao solo — e um dragão preso lutava com toda a sua força.

Asha firmou a mão esquerda em um escudo oblongo e levou a direita ao machado no quadril. A grama áspera arranhou seus joelhos enquanto o dragão a cercava, esperando que baixasse a guarda.

Foi o primeiro erro que ele cometeu. Asha *nunca* baixava a guarda.

O segundo foi cuspir fogo.

Asha tinha perdido o medo do fogo depois que o primeiro dragão deixara uma cicatriz profunda no lado direito de seu corpo. Agora, uma armadura à prova de chamas, feita com o couro de todos os dragões que já havia matado, a cobria da cabeça aos pés. O couro curtido sobre sua pele e o elmo favorito, com chifres negros, que imitava a cabeça de um dragão, a protegiam.

Ela manteve o escudo erguido até a labareda se extinguir.

O fôlego do dragão acabou. Asha largou o escudo. Ela tinha apenas uma centena de batidas de coração antes que o ácido fosse repostado nos pulmões da criatura, permitindo que expelisse fogo novamente. Precisava matá-lo antes.

Asha pegou o machado. A borda curva de ferro refletiu o brilho do sol da manhã. Sob seus dedos cheios de cicatrizes, o cabo de madeira estava gasto, permitindo um encaixe confortável.

O dragão sibilou.

Asha estreitou os olhos. *Chegou a sua hora.*

Antes que ele pudesse avançar, ela mirou e arremessou o machado direto em seu coração. A arma afundou na carne, e o dragão rugiu. Ele se debateu e sacudiu enquanto sangue esguichava na areia. Então fixou seus olhos furiosos em Asha, rangendo os dentes.

Alguém parou ao lado dela, tirando sua concentração. Asha virou e viu sua prima Safire enfiando uma alabarda na areia. Safire olhava para o dragão. Seu cabelo escuro ia até o queixo, deixando expostas as maçãs do rosto oblíquas e vigorosas e a sombra de um machucado na mandíbula.

— Falei para ficar atrás dos escudos — Asha grunhiu. — Cadê seu elmo?

— Não dá pra ver nada com ele. Deixei com os caçadores.

Asha tinha feito o equipamento de couro curtido de Safire às pressas. A garota também usava as luvas à prova de fogo da prima, que não teve tempo de confeccionar um novo par.

O dragão ensanguentado se arrastou pela areia, tentando alcançar Asha. Suas escamas abriam um buraco por onde passava. Sua respiração parecia um chiado.

Asha pegou a alabarda. Quanto tempo havia se passado desde a última baforada de fogo? Ela não sabia mais.

— Vá para trás dos escudos, Saf.

A prima não se moveu. Só encarou hipnotizada o dragão moribundo, cujos batimentos desaceleravam.

*Tum-tum.*

*Tum-tum.*

O som de rastejo parou.

O dragão inclinou a cabeça para trás e soltou um grunhido de ódio. Um segundo antes de seu coração parar de bater, chamas subiram por sua garganta.

Asha parou na frente da prima.

— Abaixe!

Sua mão desprotegida ainda estava esticada. Exposta. O fogo a envolveu, queimando a pele. Asha engoliu o grito de dor.

Quando o dragão desabou, ela viu Safire de joelhos na areia, sã e salva. Protegida das chamas.

Asha deixou escapar um suspiro trêmulo.

Safire viu a mão da prima.

— Você se queimou.

Asha tirou o elmo e ergueu a mão diante do rosto. A pele carbonizada borbulhava. Ardia, brilhante e quente.

O pânico a percorreu. Ela não era queimada por um dragão havia oito anos.

Asha examinou seus caçadores, baixando os escudos. Eles não usavam armadura, apenas ferro — ferro nas flechas, alabardas e lanças, ferro nas coleiras em seus pescoços, que marcavam sua condição de escravos. Todos olhavam atentos para o dragão. Não sabiam que a iskari havia sido queimada.

*Ótimo. Quanto menos testemunhas melhor.*

— Fogo de dragão é tóxico, Asha. Você precisa cuidar disso.

Ela assentiu. Só que não tinha suprimentos para tanto. Eles não costumavam ser necessários.

Para disfarçar, ela foi pegar sua bolsa. Atrás dela, Safire disse em uma voz muito baixa:

— Pensei que eles não soprassem mais fogo.

Asha congelou.

*Não sem histórias,* ela pensou.

Safire ficou de pé e largou a armadura de couro. Seus olhos evitaram Asha quando perguntou:

— Por que começaram agora?

Asha desejou ter deixado a prima para trás.

Mas se tivesse feito isso não haveria somente os resquícios de um ferimento em sua mandíbula. Haveria algo muito pior.

Asha tinha encontrado Safire cercada por soldados em seu próprio aposento dois dias antes de ser enviada para aquela caçada. Como eles conseguiram entrar sem uma chave, não tinha como saber.

A chegada da iskari os assustou e dispersou. Mas e se acontecesse de novo? Asha iria passar dias caçando, e seu irmão Dax ainda estava na savana, negociando a paz com o comandante Jarek. Não havia ninguém para ficar de olho em sua prima com sangue skral. Então Asha resolveu levar Safire consigo. Porque, se existia algo pior do que voltar para casa de mãos vazias, era voltar e encontrar a prima na enfermaria.

O silêncio de Asha não dissuadiu Safire.

— Lembra quando você partia ao amanhecer e antes do jantar já tinha derrubado um dragão? O que mudou de lá pra cá?

A dor abrasadora das bolhas se formando na pele deixou Asha tonta. Ela lutou para se manter focada.

— Talvez as coisas fossem mais fáceis naquela época — ela disse, assoviando para os caçadores e sinalizando para começarem o desmembramento. — Ou talvez eu só prefira um desafio.

A verdade era que o número de dragões vinha diminuindo ao longo dos anos, e estava ficando cada vez mais difícil levar cabeças para seu pai. Por isso Asha andava contando as antigas histórias em segredo, com o intuito de atraí-los. Nenhum dragão resistia a uma história sendo contada; eram como as joias para os homens.

Mas atrair os dragões não era o único efeito que as histórias causavam: elas também os deixavam mais fortes.

Por isso o fogo.

Onde as histórias antigas eram contadas, havia dragões; onde havia dragões, havia destruição, traição — e fogo, principalmente. Asha sabia disso melhor do que ninguém. A prova estava bem ali.

Safire soltou um suspiro e desistiu.

— Vá tratar essa queimadura — ela disse, deixando a alabarda enfiada na areia e já andando na direção da criatura gigantesca. Enquanto os escravos avançavam sobre o dragão, Safire deu uma volta completa em torno do corpo para avaliá-lo. O tom acinzentado das escamas era perfeito para a camuflagem, e seus chifres e sua crista de marfim permaneciam intactos.

Asha tentou flexionar os dedos queimados. A dor aguda a fez morder os lábios com força, transformando as terras baixas em uma paisagem borrada

de areia vermelha, grama amarela e pedra cinza. Estavam na fronteira: nem no deserto plano que ficava a oeste nem nas montanhas escuras e íngremes a leste.

— É lindo — Safire gritou de onde estava.

Asha se esforçou para se concentrar na prima, que começava a se tornar um borrão, com todo o resto. Ela sacudiu a cabeça, tentando clarear a vista. Não funcionou, então se segurou na alabarda de Safire.

— Seu pai vai ficar muito feliz.

A voz da prima soava distante e abafada.

*Se meu pai soubesse a verdade*, Asha pensou, amargurada.

Ela queria que a paisagem parasse de girar à sua volta. Segurou a alabarda com mais força, tentando se concentrar na prima.

Safire navegava por entre os escravos, cujas facas brilhavam. Asha a ouviu pegar o machado fincado na criatura. Ouviu a prima apoiar o salto da bota no couro cheio de escamas do dragão. Ouviu quando ela arrancou a arma, espalhando sangue espesso e grudento pela areia.

Mas já não conseguia mais vê-la.

O mundo inteiro tinha ficado branco, impreciso.

— Asha? Você está bem?

Asha apoiou a testa no aço da alabarda. Os dedos de sua outra mão se curvaram como garras em volta dela enquanto lutava para controlar a tontura.

*Eu devia ter mais tempo.*

Ela ouviu passos apressados na areia.

— Asha, qual é o problema?

O chão pareceu inclinar. Sem pensar, buscou a prima de sangue skral. Aquela que, segundo a lei, não tinha permissão para tocá-la.

Safire respirou fundo e recuou, saindo de seu alcance. Asha lutou para recuperar o equilíbrio, mas afundou na areia.

Quando o olhar de Safire desviou para os caçadores, apesar de Asha saber que era o julgamento deles que a prima temia, e não ela, aquilo doeu. Nunca deixava de doer.

Mas escravos falavam. Safire sabia disso melhor do que ninguém — seus pais haviam sido traídos por eles. E, naquele momento, elas estavam cercadas de escravos. Escravos que sabiam que Safire não tinha autorização para encostar em Asha ou sequer olhá-la nos olhos. Não com sangue skral correndo em suas veias.

— Asha...

De repente, o mundo voltou ao lugar. Asha piscou. Estava ajoelhada na areia. O brilho vermelho contra o céu turquesa coloria o horizonte. E o dragão derrotado permanecia à sua frente, cinza e morto.

Safire se agachou diante dela. Perto demais.

— Não faça isso. Estou bem — Asha disse, soando mais ríspida do que pretendia.

Ela levantou, mordendo os lábios ao sentir a dor escaldante na mão. Não era possível que as toxinas tivessem agido tão rápido. Devia estar desidratada. Só precisava de água.

— Você nem devia estar aqui — Safire falou, preocupada. — Só faltam sete dias. Deveria estar se preparando para a união, e não fugindo dela.

Os passos de Asha vacilaram. Apesar da mão ardendo e do sol que nascia, um arrepio percorreu seu corpo.

— Não estou fugindo de nada — ela disse, encarando o manto verde ao longe. A fenda. A liberdade.

O silêncio recaiu sobre elas, interrompido somente pelo som dos escravos afiando as facas. Safire parou atrás dela.

— Ouvi dizer que corações de dragão estão na moda. — Asha podia ouvir o sorriso cuidadoso na voz da prima. — São ótimos presentes de noivado.

Ela torceu o nariz só de pensar. Abaixou junto à sua mochila de caça, feita de couro endurecido de pele de dragão, e tirou seu odre de dentro dela.

— A lua vermelha vai minguar daqui a sete dias, Asha. Já pensou em qual vai ser seu presente?

Asha levantou para dar uma bronca na prima, mas o mundo voltou a girar. Ela o manteve no lugar por pura força de vontade.

É claro que havia pensado naquilo. Toda vez que olhava para a terrível lua, sempre um pouco mais fina do que no dia anterior, ela pensava no presente, no casamento, no jovem que em breve chamaria de *marido*.

A palavra era como uma pedra dentro dela. Pensar nela ajudou Asha a ajustar seu foco.

Safire sorria de leve, com os olhos voltados na direção das colinas.

— Olha só, tem presente melhor que um coração sangrento de dragão para um homem que nem coração tem?

Asha balançou a cabeça, mas o sorriso da prima era contagiante.

— Por que você precisa ser tão desagradável?

Uma nuvem de areia vermelha subia ao longe, sobre o ombro de Safire, vinda da direção da cidade.

A princípio Asha pensou que fosse uma tempestade de areia. Estava prestes a gritar uma ordem quando se deu conta de que estavam cercados por rochas, e não pelo deserto. Asha apertou os olhos para enxergar mais longe e distinguiu dois cavalos se aproximando. Um deles levava um homem encoberto por um manto, o tecido voando com o movimento do animal. Ele tinha uma coleira dourada presa em seu pescoço, que brilhava à luz do sol — um sinal de que era um dos escravos do palácio.

Asha escondeu a mão queimada atrás das costas.

Quando a poeira assentou, ela viu o velho escravo diminuindo a velocidade de sua égua. Seu cabelo grisalho estava molhado de suor. Ele apertou os olhos sob a luz pulsante do sol.

— *Iskari* — ele disse, sem fôlego. Ele se concentrou na crina agitada da égua, evitando os olhos de Asha. — Seu pai deseja vê-la.

Asha cerrou o punho atrás das costas.

— Ele não podia escolher uma hora melhor. Vou entregar essa cabeça de dragão a ele hoje à noite.

O velho sacudiu a cabeça, com o olhar ainda centrado na égua.

— Você deve retornar imediatamente ao palácio.

Asha franziu a testa. O rei-dragão nunca interrompia suas caçadas.

Ela olhou para a outra égua que tinha chegado sem cavaleiro e reconheceu Oleander, sua montaria. Seus pelos castanho-avermelhados brilhavam de suor e uma mancha de areia vermelha cobria a estrela branca em sua testa. Oleander balançou a cabeça diante de sua dona.

— Posso cuidar das coisas aqui — disse Safire. Asha virou para ela, que não ousou encará-la diretamente. Não sob o olhar atento do escravo real. — Te vejo em casa. — Safire soltou as tiras de couro das luvas emprestadas. — Você não devia ter me dado isso. — Ela as entregou a Asha. — Agora vá.

Ignorando a dor e a pele em carne viva e cheia de bolhas, Asha vestiu as luvas para que o escravo de seu pai não visse sua mão queimada. Ela deu as costas para Safire, pegou as rédeas de Oleander e montou. O animal se inquietou embaixo dela, começando a galopar quando Asha a acertou de leve com os calcanhares.

— Vou guardar o coração pra você — Safire gritou, enquanto Asha acelerava na direção da cidade, levantando redemoinhos de areia vermelha.

— Caso mude de ideia!



## No começo...

*O Antigo se sentia solitário. Então, para ter companhia, criou dois seres. O primeiro foi formado a partir do céu e do espírito, e recebeu o nome de Namsara. Era um menino de ouro. Quando ria, estrelas brilhavam em seus olhos. Quando dançava, guerras chegavam ao fim. Quando cantava, doenças eram curadas. Sua presença por si só era o bastante para unir o mundo.*

*O Antigo criou o segundo ser com sangue e luar, e lhe deu o nome de Iskari. Era uma menina triste. Aonde Namsara levava risadas e amor, Iskari levava destruição e morte. Quando Iskari aparecia, as pessoas se escondiam em suas casas. Quando falava, todos choravam. Quando ela caçava, nunca errava o alvo.*

*Infeliz com a própria natureza, Iskari foi atrás do Antigo e pediu que a refizesse. Odiava sua essência; desejava ser mais parecida com Namsara. Quando o Antigo se recusou, ela perguntou o motivo. Por que cabia a seu irmão criar coisas e a ela destruí-las?*

*— O mundo precisa de equilíbrio — respondeu o Antigo.*

*Iskari deixou o deus supremo e foi caçar furiosa. Fez isso por dias. Semanas. A fúria aumentava e sua sede de sangue se tornava cada vez mais insaciável. Ela matou sem piedade nem ternura, sentindo seu ódio se intensificar. Odiava o irmão por ser feliz e amado. Odiava o Antigo por ter feito as coisas daquela maneira.*

*Então, quando saiu para caçar num certo dia, Iskari decidiu montar armadilhas para o próprio Antigo.*

*Foi um erro terrível.*

*O Antigo a derrubou, deixando nela uma cicatriz tão longa quanto a cordilheira da Fenda. Para pagar por tal crime, ele tornou Iskari mortal, arrancando sua imortalidade como se fosse uma roupa de seda. O Antigo também amaldiçoou seu nome e a enviou para vagar sozinha pelo deserto, assombrada por ventos ardentes e tempestades de areia. Para secar sob o sol abrasador. Congelar sob o manto gelado da noite.*

*Mas nem o calor nem o frio foram capazes de matá-la.*

*Quem o fez foi a solidão insuportável.*

*Namsara procurou Iskari pelo deserto. O céu mudou sete vezes antes que encontrasse seu corpo na areia, sua pele queimada pelo sol, seus olhos comidos pelos corvos.*

*Ao ver sua irmã morta, ele caiu de joelhos e chorou.*

# Dois



ASHA TINHA O COSTUME DE TOMAR BANHO DEPOIS DE MATAR. Tirar o sangue, a areia e o suor do corpo era um ritual que ajudava na transição do mundo árduo e selvagem além dos muros do palácio para uma vida que era amarrada em torno de suas costelas e a apertava como um espartilho.

Naquele dia, Asha não se banhou. Apesar da convocação do pai, ela passou direto pelos guardas e se dirigiu à enfermaria. Era uma sala que cheirava a cal. A luz do sol se espalhava pelo terraço aberto, projetando o padrão de flores das treliças no chão, e deixando as prateleiras de frascos de terracota sob tons amarelos e dourados.

Oito anos antes, ela havia acordado naquele aposento depois de ter sido queimada por Kozu, o primeiro dragão. Asha se lembrava de tudo com clareza: seu corpo envolvido por ataduras em uma maca, a sensação terrível pressionando seu peito, pesada como uma pedra, indicando que havia feito algo terrivelmente errado.

Asha atravessou o arco e afastou a lembrança. Desatou a armadura e as luvas, tirando peça por peça, e deixou o machado no topo da pilha.

Além do fato de derreter a pele até os ossos, o fogo de dragão era tóxico. A menor das queimaduras poderia matar alguém de dentro para fora se fosse tratada de forma inadequada ou tardia. Uma queimadura severa, como a que Asha havia sofrido oito anos antes, exigia cuidados imediatos, e mesmo assim as chances de sobrevivência eram quase nulas.

Asha tinha uma receita para expurgar as toxinas, mas o tratamento requeria que a queimadura ficasse coberta por dois dias — um tempo do qual ela não dispunha. Seu pai a havia convocado, e já devia saber que ela estava de volta ao palácio. Mais uma vez, seu tempo se limitava a uma centena de batidas de coração.

Asha abriu os armários e pegou potes cheios de cascas e raízes, à procura de um ingrediente específico. Na pressa, usou a mão queimada. A dor que

sentiu quando pegou o frasco de terracota foi tão forte que não conseguiu segurá-lo.

O frasco se espatifou no chão em uma explosão de cacos vermelhos e curativos de linho.

Asha xingou, ajoelhando para arrumar a bagunça com uma mão só. Sua mente estava tão perturbada pela dor que não notou quando alguém se aproximou para ajudar.

— Pode deixar, iskari.

A voz a fez pular. Ela olhou para uma coleira prateada, depois para o emaranhado de cabelos.

Asha observou as mãos sardentas que recolhiam tudo. Ela as reconheceu. Eram as mesmas que levavam os pratos de Jarek no jantar. As mesmas que serviam chá de hortelã nos copos de vidro de Jarek.

Asha ficou tensa. Se o escravo de seu noivo estava no palácio, então ele também estava. Jarek devia ter retornado da savana, para onde fora enviado para acompanhar as negociações de Dax.

*É por isso que meu pai me convocou?*

Os dedos do escravo ficaram imóveis de repente. Quando Asha olhou para cima, ela o pegou observando sua queimadura.

— Iskari... — Ele franziu a testa. — Precisa tratar isso.

A irritação queimou dentro dela como uma fogueira recém-abastecida. Era óbvio que precisava cuidar da queimadura. Já estaria fazendo aquilo se não tivesse sido tão descuidada.

Mas tão importante quanto tratar sua queimadura era garantir o silêncio dele. Jarek com frequência usava escravos para espionar seus inimigos. No momento em que Asha o dispensasse, ele poderia ir correndo a seu mestre contar tudo.

E, assim que Jarek soubesse, o pai dela também saberia.

E então saberia que ela andava contando as antigas histórias. Saberia que continuava a ser a mesma garota corrompida.

— Se contar isso para alguém, skral, a última coisa que vai ver será meu rosto te olhando do alto do poço.

O escravo apertou os lábios e baixou o olhar para o azulejo do chão, com um padrão elaborado de namsaras — flores raras do deserto que podiam curar qualquer doença.

— Perdão — ele disse, voltando a recolher os cacos de terracota —, mas

meu mestre me deu ordens de não aceitar ordens vindas da iskari.

Os dedos dela procuraram o machado, que estava apoiado contra a parede.

Ela poderia ameaçá-lo, mas talvez aquilo só fizesse com que ele se vingasse espalhando seus segredos. Suborno era um caminho mais seguro.

— E se eu te der algo em troca do seu silêncio?

Os dedos dele pararam de se mover.

— O que você iria pedir?

O canto da boca do escravo se curvou de leve, fazendo os pelos nos braços de Asha se eriçarem.

— Não tenho o dia inteiro — ela disse, desconfortável.

— Não. — O sorriso sumia enquanto ele olhava para sua pele em carne viva e cheia de bolhas. — Você não tem. — O corpo dela começava a tremer por causa da infecção. — Me permita pensar a respeito enquanto trata a queimadura.

Asha o deixou limpando o resto da bagunça, preocupada com o tremor que sentia. Ela voltou às prateleiras e encontrou o que queria: osso de dragão em pó.

Sozinho, era tão mortal quanto fogo de dragão, apesar de envenenar a vítima de um jeito diferente: osso de dragão roubava os nutrientes de um corpo. Asha nunca tinha visto ninguém morrer daquilo, mas havia uma história antiga sobre uma rainha-dragão que queria ensinar uma lição aos seus inimigos. Após convidá-los para o palácio como convidados de honra, ela colocara uma pitada de pó de osso de dragão na comida noite após noite. Na última manhã de sua estada, todos haviam sido encontrados mortos na cama, seus corpos ocios por dentro. Como se tivessem sido esvaziados de sua vida.

Apesar dos riscos, na quantidade exata, com a combinação correta de ervas, osso de dragão era a única coisa que podia drenar as toxinas do fogo de dragão. Asha retirou a tampa de cortiça e separou a quantidade adequada.

Um bom escravo sempre se antecipava às necessidades dos outros. Enquanto Asha reunia os ingredientes faltantes, então esmagava e fervia tudo para formar uma pasta grossa, o escravo de Jarek cortou faixas de linho para fazer o curativo.

— Onde ele está? — ela perguntou enquanto mexia, tentando acelerar o processo de resfriamento. Não precisava dizer o nome de Jarek para que o escravo soubesse a quem se referia.

— Dormindo depois de algumas taças de vinho. — Ele parou de rasgar o

linho para olhar para as mãos dela. — Acho que já está frio o suficiente, iskari.

Asha olhou na direção do olhar dele. Suas mãos tremiam muito. Soltou a colher e as ergueu diante do rosto, observando o tremor.

— Eu devia ter mais tempo...

O escravo pegou o pote dela, perfeitamente calmo.

— Sente — ele disse, apontando com o queixo para a mesa. Como se estivesse no comando, e ela tivesse que obedecê-lo.

Asha não gostou de receber ordens dele. Mas gostava menos ainda dos tremores violentos. Subiu na mesa com uma mão enquanto o escravo pegava uma colher da pasta escura e soprava devagar até que parasse de sair vapor. Ela manteve a mão queimada parada sobre a coxa enquanto ele usava a colher para espalhar a pasta granulosa.

Asha assoviou entre dentes ao sentir uma dor aguda. Mais de uma vez, o escravo parou, preocupado com os sons que ela fazia. Ela só balançava a cabeça para que prosseguisse. Apesar do cheiro horrível — de osso queimado —, Asha sentia o preparado funcionando: uma sensação fresca se aprofundava e espalhava, combatendo a dor escaldante.

— Está melhorando? — Ele manteve os olhos baixos enquanto assoprava outra colherada.

— Sim.

O escravo cobriu a queimadura com a pasta mais duas vezes, depois pegou a primeira faixa de linho.

Mas quando foi enrolá-la, os dois hesitaram. Asha se afastou, mas ele se manteve congelado no lugar, inclinado sobre ela. O linho esbranquiçado pendia como um dossel em suas mãos, e o mesmo pensamento passava pelas mentes dos dois: para enrolar a queimadura, ele precisaria encostar nela.

Um escravo que tocasse um draksor sem a permissão de seu mestre poderia ser sentenciado a três noites sem comida no calabouço. Se a ofensa fosse mais severa — com um draksor de hierarquia mais alta, como Asha — também seria açoitado. Na eventualidade de um contato íntimo, como um caso amoroso, o que era bastante raro, o escravo poderia ser mandado à arena para morrer.

Sem a permissão de Jarek, ele não podia tocá-la.

Asha fez menção de pegar o linho para fazer ela mesma o curativo, mas o escravo recuou para fora de seu alcance. Ela o observou, muda, enquanto ele

se aproximava para enfaixar sua mão — devagar e com cuidado, as mãos ágeis evitando o contato de modo inteligente.

Asha levantou a cabeça e olhou para aquele rosto comprido e estreito, cheio de sardas, tão numerosas quanto as estrelas no céu noturno. Ele estava tão próximo que dava para sentir o calor que emanava e o cheiro de sal em sua pele.

Se percebia que ela o observava, o escravo não demonstrou. O silêncio preencheu o espaço entre ambos enquanto ele passava o linho várias vezes ao redor de sua mão ferida.

Asha estudou as mãos dele. Palmas grandes. Dedos compridos. Calos na ponta dos dedos.

*Um lugar estranho para calos em um escravo doméstico.*

— Como isso aconteceu? — ele perguntou enquanto trabalhava.

Asha notou que o escravo quase levantou os olhos para ela, mas se conteve. Ele se esticou para pegar a próxima faixa, menor, e começou a envolvê-la em seus dedos.

*Contei uma história antiga.*

Asha se perguntou até onde um skral poderia saber sobre a ligação entre elas e fogo de dragão.

Mas ninguém podia saber a verdade, então ela ficou quieta. Depois de todos aqueles anos tentando consertar seus erros, Asha continuava tão corrompida como sempre. Se alguém a abrisse e olhasse, encontraria um interior similar ao seu exterior: repleto de cicatrizes. Assustador, terrível.

*Uma história sobre Iskari e Namsara.*

Iskari era a deusa de quem Asha havia recebido seu título. Nos dias atuais, iskari significava *ceifadora de vidas*.

Ao longo do tempo, o significado de namsara também havia mudado, passando a indicar a flor curativa retratada nos azulejos, bem como um título, dado a alguém que lutava por uma causa nobre, seu reino ou suas crenças. *Namsara* evocava a imagem de um herói.

— Matei um dragão — Asha disse por fim. — Ele me queimou enquanto morria.

O escravo escondeu as extremidades das ataduras. Seus dedos deslizaram ao redor do pulso dela para deixá-las mais firmes, como se tivesse esquecido por completo quem estava à sua frente.

Asha inspirou com força ao toque. Ele percebeu sua violação e ficou

totalmente imóvel.

Um comando veio à ponta da língua de Asha. Antes que o vociferasse, o escravo falou em um tom muito tranquilo:

— Está se sentindo melhor?

Como se ele se preocupasse mais com a queimadura dela do que com a própria vida.

Como se não tivesse medo da iskari.

A ordem morreu na boca de Asha. Ela olhou para os dedos dele em volta do seu punho. Sem tremer ou hesitar — quentes, firmes e fortes.

Ele não tinha medo?

Quando Asha não respondeu, o escravo fez algo ainda pior. Direcionou seu olhar para ela.

Um calor inesperado a percorreu. Os olhos dele eram tão penetrantes quanto uma lâmina afiada. Ele deveria desviar o rosto, mas seu olhar duro como aço passou dos olhos dela — pretos como os de sua mãe — para a cicatriz enrugada que ia do rosto ao pescoço e então desaparecia sob a gola da camisa.

As pessoas sempre olhavam. Asha já estava acostumada. Crianças apontavam, mas a maioria desviava os olhos com medo. Aquele escravo, contudo, demorou-se nela. Seu olhar era curioso e atento, como se Asha fosse uma tapeçaria e ele não quisesse perder um único detalhe.

Ela sabia o que ele via, porque via o mesmo toda vez que se olhava no espelho: uma pele marcada, manchada, descolorida. Surgindo no alto da testa e descendo pela bochecha direita. Cortando a ponta de sua sobrancelha e a borda do cabelo. Alongando-se pela orelha, que nunca recuperara sua forma original. A cicatriz ocupava um terço do rosto e metade do pescoço, descendo pelo lado direito do corpo.

Safire uma vez perguntara se ela odiava a visão da própria imagem. Mas não. Asha havia sido queimada pelo dragão mais feroz de todos e sobrevivera. Quem podia dizer o mesmo?

Ela ostentava a cicatriz como uma coroa.

O escravo baixou o olhar, como se imaginasse a continuação da cicatriz sob as roupas. Como se imaginasse o restante de Asha sob as roupas.

Aquilo despertou algo nela. Sua voz saiu afiada como uma faca.

— Continue olhando, skral, e logo você não vai mais ter olhos.

Ele ergueu o canto da boca. Como se tivesse aceitado o desafio.

Aquilo a fez pensar na revolta do ano anterior, quando um grupo de escravos assumira o controle dos alojamentos, mantendo draksors como reféns e matando todo e qualquer soldat que se aproximasse. Foi Jarek quem se infiltrou nos alojamentos dos escravos e pôs um fim à revolta, executando ele mesmo cada escravo envolvido.

*Esse skral é tão perigoso quanto o resto deles.*

De repente, Asha quis seu machado. Deu impulso para sair da mesa e colocar algum espaço entre eles.

— Decidi meu pagamento — ele disse atrás dela.

Asha desacelerou o passo e virou para encará-lo. O escravo tinha dobrado a sobra de linho e já estava raspando o que havia restado do unguento no fundo do recipiente.

Como se não tivesse acabado de descumprir a lei.

— Em troca do meu silêncio — a colher de madeira raspava a terracota —, quero uma dança.

Asha o encarou.

*Como?*

Primeiro ele ousava encará-la, agora exigia uma dança?

Só podia estar louco.

Ela era a iskari. Não dançava. E, mesmo se dançasse, nunca dançaria com um skral. Aquilo era absurdo. Inimaginável.

Proibido.

— Uma dança — ele repetiu, então olhou para cima, para os olhos dela. Mais uma vez, Asha foi tomada pelo choque. — Quando e onde eu decidir.

Asha levou a mão ao quadril, mas não encontrou seu machado.

— Escolha outra coisa.

Ele sacudiu a cabeça, observando a mão dela.

— Não quero outra coisa.

Asha o encarou.

— Tenho certeza de que não é verdade.

Ele retribuiu o olhar.

— Um tolo pode ter certeza de qualquer coisa, mas não significa que esteja certo.

A fúria queimou dentro dela, brilhante e ardente.

Ele havia acabado de chamá-la de tola?

Em três passos, Asha pegou seu machado, venceu a distância entre os dois

e pressionou a ponta afiada na garganta dele. Ela cortaria sua língua se precisasse.

O recipiente que o escravo segurava se espatifou no chão. Sua mandíbula ficou tensa e rígida, mas ele não desviou o olhar. O ar soltava faíscas. Ele podia ser metade de uma cabeça mais alto do que ela, mas Asha estava acostumada a derrubar presas maiores.

— Não me teste, skral — ela disse, pressionando mais forte.

Ele baixou o olhar.

*Finalmente.* Ela devia ter feito aquilo desde o início.

Asha empurrou seu ombro esquerdo com o cabo do machado, fazendo o escravo cambalear para trás e acertar as prateleiras cheias de jarros.

— Você vai manter isso em segredo, porque nem mesmo Jarek pode ajudar se me desobedecer — ela disse.

Ele continuou olhando para baixo enquanto se endireitava, em silêncio.

Asha deu as costas e o deixou lá. Tinha coisas melhores para fazer do que arrastar aquele escravo até Jarek e listar suas ofensas. Precisava encontrar suas luvas de seda para esconder a mão enfaixada e fingir que estava tudo bem enquanto falava com o pai, que ainda esperava por ela.

Podia lidar com aquele escravo mais tarde.



## O amanhecer da caçadora

*Havia uma garota que se sentia atraída por coisas amaldiçoadas.*

*Como histórias antigas e proibidas.*

*Não importava se elas tinham matado sua mãe. Não importava se haviam matado muitos outros antes dela. A garota deixou que tomassem conta dela. Deixou que consumissem seu coração e a amaldiçoassem também.*

*Sua perversão atraía dragões. Os mesmos que haviam queimado as casas de seus ancestrais e escravizado famílias. Dragões venenosos que cuspiam fogo.*

*A garota não se importava.*

*Sob o manto da noite, ela rastejava sobre telhados e se esgueirava pelas ruas abandonadas. Saía da cidade e entrava na Fenda, onde contava sucessivas histórias para os dragões.*

*Ela fez isso tantas vezes que, um dia, acordou o dragão mais mortal de todos, tão escuro quanto uma noite sem lua. Tão antigo quanto o próprio tempo.*

*Kozu, o primeiro dragão.*

*Ele queria possuir a garota. Queria acumular o poder mortal que ela derramava de seus lábios. Queria que contasse histórias somente para ele. Para todo o sempre.*

*Kozu a fez perceber o que ela havia se tornado.*

*Ele a marcou com uma cicatriz. Então ela parou de contar as antigas histórias.*

*Mas não foi tão simples assim. Kozu a encurralou. Bateu o rabo e silvou*

*em aviso. Deixou claro que, se o rejeitasse, aquilo não acabaria bem para ela.*

*A garota tremeu e chorou, mas se manteve firme. De boca fechada.*

*Mas ninguém desafiava o primeiro dragão.*

*Com raiva, Kozu levantou voo. Quando a garota tentou fugir, ele a queimou com sua chama mortal.*

*Mas não era suficiente.*

*Ele descontou o resto de sua raiva na casa dela.*

*Derramou sua ira sobre as paredes caiadas e as torres de filigrana. Soprou seu fogo venenoso sobre o povo que gritava e chorava ao ouvir seus entes queridos presos nas casas em chamas.*

*Foi o filho do comandante quem encontrou a garota amaldiçoada, que havia sido deixada para morrer na Fenda. Ele carregou seu corpo queimado por todo o caminho até a enfermaria do palácio, enquanto seu pai salvava a cidade.*

*O comandante reuniu o exército e expulsou o primeiro dragão. Mandou que os escravos apagassem os incêndios e reparassem os danos. Salvou a cidade, mas não sua esposa. Ele correu para sua casa incendiada ao ouvir o som dos últimos gritos dela, e não saiu mais de lá.*

*A garota, entretanto, sobreviveu.*

*Acordou em uma cama estranha em um aposento estranho, sem conseguir lembrar o que havia acontecido. No início, seu pai escondeu a verdade. Como contar a uma menina de dez anos que foi a responsável pela morte de milhares de pessoas?*

*Ele nunca saiu do lado dela. Permaneceu ali durante as noites dolorosas. Convocou especialistas para recuperar totalmente sua saúde. Quando disseram que sua filha nunca voltaria a se mover, encontrou outros. E, bem devagar, foi preenchendo as lacunas em sua memória.*

*Quando a garota fez um pedido público de desculpas e o povo cuspiu aos seus pés, seu pai ficou ao lado dela. Quando ela prometeu se redimir e eles sussurraram o nome de uma deusa amaldiçoada, seu pai transformou aquilo em um título.*

*Os heróis antigos eram chamados de namsara em homenagem ao amado deus. Mas sua filha seria iskari — como a deusa letal.*

# Três



A SALA DO TRONO, com soldats alinhados nas paredes, arcadas duplas e seu mosaico detalhado, havia sido construída para destacar um ponto específico: o trono do rei-dragão. Mas sempre que Asha entrava era a chama sagrada que atraía primeiro a sua atenção. Um pedestal de ônix polida ficava na metade do caminho entre a entrada e o trono dourado. Sobre ele havia uma tigela de ferro rasa, na qual uma chama branca e sussurrante queimava.

Quando ela era uma criança, a chama sagrada foi tirada das cavernas do Antigo e levada até a sala do trono, para mantê-la iluminada. Naquela época, Asha ficou muito impressionada.

Não era mais o caso.

Agora a chama parecia observá-la.

Uma chama sem cor queimando sobre nada além de ar? Não era natural. Asha desejava que seu pai a mandasse de volta às cavernas. Mas era seu troféu, um símbolo do que havia superado.

— Sinto muito ter interrompido sua caçada, minha querida.

A voz de seu pai ecoou pela sala, atraindo sua atenção. Asha analisou as paredes brancas brilhantes, ornadas com tapeçarias que retratavam os reis e as rainhas dos velhos tempos.

— Não interrompeu. Eu o matei pouco antes de sua mensagem chegar.

Os olhos nas tapeçarias pareciam observar Asha enquanto andava, vestindo luvas de seda que iam até os cotovelos e um caftã índigo que balançava com o movimento. Seus passos produziam um barulho suave no mar de azulejos azuis e verdes; a luz do sol entrava pela claraboia no telhado com domo de cobre, iluminando as partículas de poeira no ar.

O homem esperando por ela parecia um rei em todos os aspectos. Havia um brasão bordado sobre o ombro direito de sua túnica — um dragão com o coração transpassado por um sabre —, e de seu pescoço pendia um medalhão de citrinos. Calçados dourados com uma costura branca complexa escondiam

seus pés.

Aquele era o homem que estivera na enfermaria havia oito anos, quando ela acordara. Uma memória despertou dentro de Asha ao vê-lo diante de si.

*As chamas vermelhas e quentes de Kozu engolindo seu corpo e mente. O cheiro desagradável de carne e cabelo queimados. Os gritos agarrados à sua garganta.*

Aquela era a única parte da qual Asha lembrava: de queimar. Todo o resto estava perdido para ela.

— Foi sua caçada mais longa até hoje — ele disse, enquanto Asha parava diante dos degraus dourados do trono. — Estava ficando preocupado.

Ela olhou para o chão. A vergonha fez sua garganta pinicar. Era como se tivesse engolido um punhado de espinhos.

Seu pai já tinha coisas demais com que se preocupar sem Asha se somando à lista: a guerra com os nativos, a ameaça constante de outra revolta de escravos, a tensão com o templo e — embora ele nunca tivesse falado daquilo com a filha — o poder crescente do comandante.

A mão enfaixada de Asha latejou sob a luva de seda, gritando o crime que havia cometido mais cedo. Como se quisesse traí-la. Ela a manteve junto à lateral do corpo, na esperança de que seu pai não perguntasse sobre as luvas.

— Não se preocupe comigo, pai. Sempre encontro minha presa.

O rei-dragão sorriu para ela. No trono dourado, estava gravado um padrão de formas, umas dentro das outras com linhas se cruzando. Como as ruas da cidade ou o labirinto de corredores e passagens secretas do palácio.

— Essa noite quero que você apresente publicamente sua presa. Em honra a nossos convidados.

Asha levantou o olhar.

— Convidados?

Seu pai abriu um sorriso.

— Não soube da novidade?

Ela balançou a cabeça.

— Seu irmão voltou com uma delegação de nativos.

A boca de Asha secou. Os nativos moravam do outro lado do mar de areia e se recusavam a reconhecer a autoridade do rei. Não concordavam com a matança de dragões nem com a posse de escravos. Por isso eram os responsáveis por tantos problemas do reino — além do fato de que viviam tentando assassinar seu pai.

— Eles concordaram com uma trégua — o rei explicou. — Estão aqui para negociar os termos de um acordo de paz.

*Paz com os nativos?* Parecia impossível.

Asha se aproximou do trono.

— Eles estão dentro dos muros do palácio? — perguntou com a voz tensa.

Como Dax podia levar seus inimigos mais antigos para dentro da casa deles?

Ninguém esperava que seu irmão tivesse sucesso na savana. Se Asha fosse honesta consigo mesma, ninguém esperava que ele sobrevivesse.

— É perigoso demais, pai.

O rei-dragão se inclinou para a frente no trono e lhe lançou um olhar caloroso. Seu nariz era longo e fino, e sua barba estava bem aparada.

— Não se preocupe, minha querida. — Os olhos dele percorreram a cicatriz que desfigurava o rosto dela. — Basta uma olhada em você e nunca mais vão discordar de mim.

Asha franziu a testa. A pedra do carrasco era o castigo para qualquer um que tentasse matar o rei, se eles não temiam aquilo, por que teriam medo da iskari?

— Mas não foi por isso que a convoquei.

O rei-dragão levantou e desceu os sete degraus à sua frente. Com as mãos cruzadas atrás das costas, caminhou devagar diante das tapeçarias do lado esquerdo do salão. Asha o seguiu, ignorando os soldats entre cada uma delas, com seus olhos escondidos pelos morriões e peitorais brilhando à luz do sol.

— Quero falar sobre Jarek.

Asha ergueu o queixo.

Quando o fogo de Kozu destruíra o lar, os entes queridos e a vida do povo de Firgaard, a cabeça da garota amaldiçoada fora pedida. Incapaz de condenar a própria filha à morte, o rei oferecera a ela uma chance de redenção. Ele prometera sua mão ao garoto que a salvara. Jarek, que havia perdido o pai e a mãe no fogo pelo qual ela era responsável.

A união seria o último ato da redenção de Asha. O casamento seria realizado assim que os dois chegassem à idade devida, e seria a prova de que Jarek a havia perdoado. Ele, que havia perdido tanto por causa da iskari, mostraria para todos os cidadãos de Firgaard como perdoá-la.

Além disso, por ser capaz de tamanho heroísmo, o rei preparou Jarek para assumir a posição de seu pai como comandante.

Fora um ato de gratidão e fé.

Com a passagem do tempo, o garoto foi se tornando um jovem cada vez mais poderoso. Aos vinte e um anos, mantinha o exército sob suas rédeas. Seus soldados eram completamente leais. Leais além da conta, Asha pensava. Assim que se casassem, Jarek estaria próximo demais do trono, e poderia tomá-lo à força — algo que a preocupava.

— Ele não pode saber sobre essa conversa. Entendido?

Asha, perdida em seus pensamentos, olhou para cima e se deu conta de que estava com o pai diante de uma tapeçaria de sua avó, rainha-dragão que conquistara e escravizara seu inimigo mais feroz, os skrals. O artista havia escolhido tons profundos de vermelho e marrom para o fundo, além de um prateado luminescente e azul-escuro para o cabelo. Os olhos dela pareciam observar a neta com profunda desaprovação. Como se pudessem ver o coração de Asha, e contemplar todos os segredos que ele escondia.

Ela manteve a mão ferida perto do corpo.

— Ninguém mais pode saber o que estou prestes a te contar.

Asha transferiu o olhar da avó para o pai. Seus olhos calorosos estavam fixos nos dela.

*Um segredo?* Ela era totalmente fiel ao pai. Devia sua vida a ele.

— É claro, pai.

— Um dragão foi avistado na Fenda enquanto você caçava — ele disse. — Um que não era visto há oito anos. De pele escura e com uma cicatriz no olho.

As pernas de Asha tremeram. Ela quase se aproximou da parede, temendo que fraquejassem.

— *Kozu?*

Não era possível. O primeiro dragão não era visto desde o dia que havia atacado a cidade.

O rei assentiu.

— É uma oportunidade, Asha. Uma que não podemos perder. — Ele deu um sorriso lento e brilhante. — Quero que me traga a cabeça de Kozu.

De repente, ela sentiu o cheiro de carne queimada. Sentiu o grito engasgado na garganta.

*Aquilo aconteceu oito anos atrás*, ela pensou, tentando lutar contra a lembrança. *Eu era só uma criança.*

Ao ver a guerra travada dentro dela, o rei-dragão ergueu a mão, como se

quisesse tocá-la, algo que nunca havia feito. Sua expressão ficou nublada por um instante. A mesma expressão que passava o tempo inteiro pelo rosto de todas as pessoas diante dela.

Seu pai não gostava de demonstrar aquilo, porque a amava. Porque não queria magoá-la. Mas às vezes não conseguia esconder.

O rei-dragão temia sua própria filha.

Uma batida de coração depois, a expressão tinha sumido. Ele deixou a mão cair ao lado do corpo, repousando-a na empunhadura dourada de seu sabre cerimonial.

— Se conseguir caçar o primeiro dragão, os fanáticos religiosos não terão mais por que desafiar minha autoridade. Os nativos serão forçados a admitir que as tradições antigas não servem mais. Todos terão que se submeter ao meu comando. E, acima de tudo, sua união com Jarek não será mais necessária. — Ele voltou a olhar para a imagem de sua mãe na parede. — Essa será sua redenção.

Asha engoliu em seco, deixando as palavras assentarem.

Os trovadores — contadores de histórias sagradas de eras passadas — tinham alertado sobre a morte de Kozu. Ele era a fonte das histórias, diziam. Como tal, era o elo vivo do Antigo com seu povo.

Se o primeiro dragão fosse morto, todas as histórias seriam arrancadas de mentes, línguas e pergaminhos, como se nunca tivessem existido. O Antigo seria esquecido e o elo entre ele e seu povo seria quebrado. Mas, enquanto Kozu vivesse, o mesmo ocorreria com as histórias, e as correntes que prendiam o povo de Asha ao Antigo permaneceriam intactas.

Mesmo o mais incrédulo dos caçadores não ousaria ir atrás de Kozu. Seu pai sabia daquilo, e era o motivo pelo qual estava pedindo a ela. Asha tinha mais motivos do que qualquer pessoa para matá-lo.

Seria seu derradeiro pedido de perdão. Consertaria tudo.

— Você me ouviu, Asha? Se trouxer a cabeça de Kozu, não precisará mais casar com Jarek.

Arrancada de seus pensamentos, ela olhou para o rosto do pai. Estava sorrindo para ela.

— Vai fazer o que eu pedi?

Claro que ela faria. A única pergunta era: conseguiria fazê-lo antes que a lua vermelha minguasse?



## O último namsara

*Houve uma época em que os draksors eram uma força poderosa. Eles eram as asas que batiam à noite. Eram a chuva de fogo vinda do céu. A última visão que qualquer um tinha.*

*Ninguém ousava se levantar contra eles.*

*Até que uma tempestade varreu o deserto. Skrals, invasores vindos do além-mar, tinham conquistado as ilhas do norte e estavam famintos por mais. Eles queriam Firgaard, a estrela brilhante de um reino desértico. Uma capital movimentada construída bem em cima da linha que separava os quilômetros de areia branca das montanhas. Se conseguissem conquistá-la, poderiam comandar o mundo.*

*Na esperança de pegar os draksors de surpresa, os skrals chegaram durante a noite.*

*Mas, quando a escuridão cai, o Antigo acende uma chama.*

*Ele ouviu o inimigo se aproximando. Lançou seu olhar sobre as aldeias empoeiradas e as dunas do deserto, até encontrar um homem adequado para seu propósito.*

*Alguém chamado Nishran.*

*O primeiro dragão despertou de seu sono no instante em que o Antigo sussurrou aquele nome. Ele voou rápido ao longo do deserto, atravessando uma longa distância até achar o homem.*

*Nishran era um tecelão. Estava sentado, dedicado ao tear quando o primeiro dragão apareceu. O ruído do pedal foi interrompido e a lançadeira parou de estalar. Ele olhou para as escamas, tão negras quanto uma noite*

*sem lua.*

*Seu coração foi tomado pelo medo.*

*Mas o Antigo havia escolhido Nishran como seu namsara, e ninguém lhe dizia não.*

*Para ajudá-lo, tinha dado ao tecelão a habilidade de enxergar na escuridão. Agora tendo a noite como aliada, Nishran conduziu a rainha-dragão e seu exército pelo deserto direto para o acampamento skral, sob a lua nova.*

*Os invasores nortenhos estavam despreparados para as flechas e o fogo de dragão com que acordaram. Foram derrotados por aqueles que pretendiam conquistar.*

*Quando a batalha acabou, a rainha-dragão não expulsou o inimigo de seu reino. Se deixasse os skrals livres, saciariam sua ânsia de destruição em outro lugar ou voltariam mais fortes e em busca de vingança. Ela se recusou a ser responsável por mais destruição. Então, com o namsara ao seu lado, ordenou que coleiras fossem postas em todos os skrals, como punição pelos horrores que haviam causado.*

*Os draksors puderam então desfrutar de paz. As notícias sobre os invasores conquistados viajaram rápido e longe. Governantes de nações distantes atravessaram o deserto, a montanha e o mar para jurar sua lealdade à rainha-dragão.*

*Mas a alegria durou pouco.*

*A escuridão caiu mais uma vez sobre Firgaard quando os dragões, sem qualquer aviso, se voltaram contra eles, seus próprios cavaleiros, atacando famílias e queimando casas. A iluminação não veio das celebrações com dança e música, como esperado, mas do fogo de dragão, que fazia terraços, pátios e jardins arderem em chamas. Ao amanhecer, a fumaça cobria o ar e sombras negras caíam sobre as ruas estreitas enquanto as criaturas voavam para a Fenda, de onde nunca retornaram.*

*Firgaard foi tomada pelo caos. Alguns draksors se colocaram de imediato ao lado da rainha, que amaldiçoou os dragões por tamanha traição; outros correram para ficar ao lado da alta sacerdotisa, que culpava a rainha pela destruição.*

*Draksors se voltaram contra draksors. Mais casas queimaram. Firgaard estava em ruínas.*

*Essa foi a primeira traição.*

*A segunda veio através de histórias.*

# Quatro



HAVIA UMA TRADIÇÃO DE LONGA DATA EM FIRGAARD: sempre que um dragão era morto, sua cabeça era apresentada ao rei. Era a parte da caçada de que Asha mais gostava. A entrada triunfante, os espectadores espantados e, acima de tudo, o olhar orgulhoso do pai.

Aquela noite, porém, um dragão maior e mais velho cruzava a floresta além dos muros da cidade. Asha estava inquieta, ansiosa para fincar seu machado no coração da fera.

*Em breve*, ela pensou enquanto passava com Safire pela entrada em arco do maior pátio do palácio. A música se espalhava como fumaça. Um alaúde sussurrava sob o clarim de latão e a batida rápida e condutora dos tambores.

Por hábito, antes de entrar no pátio, Asha havia verificado se a prima tinha algum machucado recente, e não encontrara nenhum. Safire parecia brilhar em seu caftã verde-claro com flores de madressilva.

— Pensei que odiasse isso — disse Safire, apontando para as luvas de seda de estilo estrangeiro. Asha as havia ganhado de Jarek no seu aniversário de dezessete anos.

Era verdade, ela odiava aquelas luvas. Faziam suas mãos suarem e escorregavam em seus braços, mas mantinham as queimaduras escondidas.

Asha se forçou a dar de ombros.

— Ficaram bem com o caftã.

Outro presente de Jarek. Estivera esperando por ela em uma caixa de prata perto da cama.

— Sei — disse Safire, suspeitando do verdadeiro motivo. — Que nem essas botas.

Asha olhou para os pés despontando sob a bainha. Na pressa, havia esquecido de trocar as botas por sandálias. Ela xingou baixinho. Era tarde demais.

Lamparinas de bronze resplandeciam ao longo das galerias do pátio, o

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(Iskari #1) A Caçadora de Dragões" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).